

A RÁDIO NA ESCOLA: UMA PRÁTICA EDUCATIVA EFICAZ

ZENEIDA ALVES DE ASSUMÇÃO

Departamento de Comunicação
Universidade Estadual de Ponta Grossa

RESUMO

O artigo aborda a relevância da Comunicação e da Educação na sociedade globalizada. A escola da modernidade não pode mais desconsiderar ou ignorar a onipresença das mídias no cotidiano do educando. Elas se apresentam ao aluno como escola sem paredes porque são atraentes, agradáveis, envolventes, sedutoras e incondicionais, pois nada exigem de seu usuário. Procuram, apenas, seduzi-lo mediante as suas linguagens específicas. Por esta razão, a escola precisa, urgentemente, repensar o seu papel educativo frente às tecnologias da comunicação. A autora destaca, ainda, experiências com rádio nas instituições educacionais do Paraná, Rio de Janeiro e São Paulo, mostrando como a escola pode utilizar a rádio na sua prática pedagógica.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação-educação; rádio; escola; mídias; tecnologias; globalização; experiências

COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

Nos dias de hoje já não se pode continuar pensando em uma escola encerrada entre quatro paredes e completamente desvinculada do processo de comunicação (Francisco Gutierrez).

Refletir sobre comunicação e educação é refletir sobre a sociedade globalizada. Ao contrário do que muitos pensam, globalização não é um fenômeno recente. Suas sementes germinaram com a expansão do comércio no último período da Idade Média e início do período moderno. Anteriormente, quase todo comércio era local.

Com as tecnologias ocorreram diversas transformações, principalmente nas últimas décadas. Atualmente, são possíveis realizações que há 40, 50 anos faziam parte apenas da nossa fantasia, do mundo da ficção, como a comunicação telefônica entre continentes, caixas automáticas, pagamentos eletrônicos, pesquisas on-line, bibliotecas virtuais, etc.

No século 19, as redes de comunicação foram organizadas em escala global. Entretanto, é no século 20 que a globalização adquire força e amplitude internacional.

A internacionalização das mídias nos torna “cidadãos do mundo”. Diuturnamente, recebemos em casa saberes e informações, palavras e imagens, entretenimento e idéias dos pontos mais distantes do planeta trazidos pelas tecnologias do rádio, televisão, internet, TV a cabo, etc.). *Os personagens que se apresentam nos filmes e nos programas de televisão se tornam pontos de referência comuns para milhões de indivíduos que podem nunca interagir um com o outro, mas que partilham, em virtude de sua participação numa cultura mediada, de uma experiência comum e de uma memória coletiva (THOMPSON, 1995, p. 219).*

ESCOLA: UMA COMUNICAÇÃO VERTICAL

A comunicação, como processo de interação humana, é o fundamento do processo educativo. A relação educador-educando ocorre em mão-dupla: um fala, o outro responde, e o diálogo acontece de forma natural. Neste aspecto, a comunicação torna-se mediadora das tecnologias.

Infelizmente, na escola predomina ainda a comunicação vertical, respaldada no saber do professor como poder. Muitos educadores desconsideram o conhecimento não-sistematizado, adquirido pelo contato com as mídias (rádio, televisão, internet...) e se impõem como autoridade, o que impede a comunicação bidirecional.

O professor é institucional e idealmente aquele que possui o saber e está na escola para ensinar, o aluno é aquele que não sabe e está na escola para aprender. O que o professor diz se converte em conhecimento, o que autoriza o aluno, a partir de seu contato com o professor, no espaço escolar, na aquisição da metalinguagem, a dizer que sabe: a isso se chama escolarização (ORLANDI, 1996, p. 31).

Nesta mesma perspectiva de raciocínio, Deleuze e Guattari destacam: *A professora não se questiona, quando interroga um aluno, assim como não se questiona, quando ensina uma regra de gramática ou de cálculo. Ela ensina, dá ordens, comanda. Os mandamentos do professor não são exteriores nem se acrescentam ao que ele nos ensina. Não provêm de significações primeiras, não são a consequência de*

informações: a ordem se apóia sempre, e desde o início, em ordens, por isso é redundância. A máquina do ensino obrigatório não comunica informações, mas impõe à criança coordenadas semióticas com todas as bases duais de gramática (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p. 11-12).

Na escola, a comunicação é vertical e autoritária, por considerar-se como instituição exclusiva da produção e transmissão do saber elaborado e do conhecimento científico.

Para Barbero, a legitimação do saber pela escola gera descontentamento e indisciplina nos alunos.

(...) hoje senta-se um alunado que, por osmose com o meio ambiente comunicativo, está embebido de outras linguagens, saberes e escrituras que circulam pela sociedade. Estes configuram os saberes/mosaicos, como os chamou A. Moles, porque são feitos de pedaços, fragmentos, o que não impede os jovens de terem, com frequência, um conhecimento mais atualizado em Física, Geografia, História que seu próprio professor. Isso está trazendo para a escola um fortalecimento do autoritarismo, como reação à perda da autoridade do professor e não de uma abertura para novos saberes. Em lugar de ser percebida como uma chamada a que se reformule o modelo pedagógico, a difusão descentralizada de saberes, possibilitada pelo ecossistema comunicativo, resulta no endurecimento da disciplina do colégio para controlar esses jovens, cada vez mais frívolos e desrespeitosos com o sistema sagrado do saber escolar (BARBERO, 2000, p. 55).

Agindo dessa maneira, a escola impede que seus educandos tenham uma visão crítica do mundo e da realidade. É na interlocução e comunicação interativa que a escola possibilita ao educando o aprender a aprender.

AS MÍDIAS: UMA “ESCOLA” SEM PAREDES

A escola não pode desconsiderar ou negar a presença das mídias no cotidiano dos alunos. As novas tecnologias fazem parte do mundo da escola, do educando e do educador. Todos vivem e convivem numa sociedade movida pela informação. O rádio, como as outras mídias eletrônicas, é mais dinâmico, atraente, sedutor e rápido do que a dinâmica escolar. *Os meios de comunicação são a extensão do homem* (MCLUHAN, 1971, p. 36).

A escola da contemporaneidade deixou de ser o local exclusivo do saber. Hoje nos deparamos com diversos saberes e conhecimentos, difundidos pelas novas tecnologias da comunicação, que invadem o nosso

cotidiano. *A criança, ao chegar à escola, já sabe ler histórias complexas, como uma telenovela, com mais de 30 personagens e dezenas de cenários diferentes. Essas habilidades são praticamente ignoradas pela escola* (MORAN, 1992, p. 183).

Um dos desafios da escola é procurar maneiras mais criativas de interação com as linguagens das mídias no contexto escolar, integrando a cultura tecnológica no espaço educativo, desenvolvendo nos alunos habilidades para utilizar os instrumentos dessa cultura. Deixar de ser somente conteudista e trabalhar outras linguagens. *Nos dias de hoje já não se pode continuar pensando em uma escola encerrada entre quatro paredes e completamente desvinculada do processo de comunicação* (GUTIERREZ, 1978, p. 33).

Os meios de comunicação social constituem uma segunda escola, uma escola paralela à convencional. Com sua linguagem subliminar e encanto, atraem e prendem a atenção, produzem e reproduzem linguagem e cultura. *A cultura é inerente à comunicação, pois na cultura, toda entidade pode tornar-se um fenômeno semiótico. As leis da comunicação são as leis da cultura. A cultura pode ser estudada completamente sob o perfil semiótico* (ECO apud SANTAELLA, 1996, p. 29).

A cultura é a totalidade dos sistemas de significação através dos quais o ser humano, ou um grupo humano particular, mantém a sua coesão (seus valores e identidade e sua interação com o mundo). Esses sistemas de significação, usualmente referidos como sendo sistemas modeladores secundários (ou a linguagem da cultura), englobam não apenas todas as artes (literatura, cinema, pintura, música, etc.) as várias atividades sociais e padrões de comportamento, mas também os métodos estabelecidos pelos quais a comunidade preserva sua memória e seu sentido de identidade (mitos, história, sistema de leis, crença religiosa, etc.). Cada trabalho particular de atividade cultural é visto como um texto gerado por um ou mais sistemas (SHUKMANN apud SANTAELLA, 1996, p. 26).

Hoje, o professor precisa conhecer outras linguagens, e o educando, saber ler e produzir textos sonoros, imagéticos, escritos e hipertextos. A leitura e a produção desses textos conduz o aluno à compreensão das linguagens jornalística, radiofônica, televisiva e do computador (radiojornal, telejornal, jornal impresso e jornal “on line”), levando-o a distinguir e compreender o discurso simbólico. Segundo Nidelcoff (1991), um outro ver, compreender e interpretar a sociedade globalizada.

A interconexão com as mídias pode conduzir o educando à aquisição do conhecimento, à reflexão e às intervenções no seu meio ambiente, conjugando a

reflexão das linguagens e a produção midiáticas em sala de aula.

Os meios de comunicação podem possibilitar ao aluno compartilhar democraticamente com outros colegas o saber elaborado e novos conhecimentos. Ao trabalhar com as novas tecnologias da comunicação, a escola estará promovendo:

a) a democratização da comunicação (os alunos tornam-se sujeitos ativos de sua própria comunicação porque a conhecem):

b) a familiarização do aluno com as linguagens específicas de cada veículo da comunicação social, provocando a compreensão da realidade;

c) o intercâmbio de informação e comunicação, ampliando o conhecimento cultural e pedagógico dos alunos;

d) a desmitificação das mídias;

e) o conhecimento de mensagens elaboradas (através da edição) e em estado bruto, envolvendo os interesses das empresas de comunicação quanto aos aspectos políticos, econômicos, sociais e ideológicos, os quais interferem na divulgação da informação (leitura crítica) (ASSUMPCÃO, 1999).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/86, as Diretrizes Curriculares e os Novos Parâmetros Curriculares Nacionais incluem os meios de comunicação social no espaço escolar, propondo ao educador trabalhá-los interdisciplinarmente.

Algumas escolas brasileiras, já nas décadas de 80 e 90, usavam a rádio na sala de aula, trabalhando a linguagem, a leitura crítica e a produção de programação radiofônica pelos alunos.

A RÁDIO NO ESPAÇO ESCOLAR

Desde 1991, venho estudando a rádio no espaço escolar. Em meu Mestrado (1994), apresentava uma proposta de radioescola para o ensino fundamental, incluindo a produção de programação radiofônica pelos alunos e o estudo da linguagem e leitura da rádio.

De 1991 a 1994, pesquisei instituições educacionais, no Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná, que desenvolveram experiências radiofônicas entre 1985 e 1993.

A experiência pioneira **Radioteca Jovem** (1985) aconteceu na cidade de Campos, interior do Rio de Janeiro, sob a coordenação do Setor de Tecnologia Educacional da Secretaria de Educação do Rio de Janeiro.

Os alunos do Ensino Fundamental e Médio das escolas estaduais, com a orientação de professores e radialistas, produziam a programação e debatiam temas pertinentes às comunidades escolar e local. A programação foi veiculada, semanalmente, pela Rádio Continental, emissora comercial daquela cidade, durante três anos, até 1988.

A **Rádio Visão**, também em Campos, RJ, foi instalada, em 1986, na Escola Técnica Estadual Professor João Barcelos, Ensino Fundamental e Médio, e a Vanguarda Educativa, na Escola Técnica Federal, Ensino Médio, em 1987. Ambas, em circuito interno. A Rádio Visão ficou no ar um ano e a Vanguarda Educativa, três anos.

Em São Paulo, o Colégio Regina Mundi, Ensino Fundamental e Médio, implantou, em 1989, uma rádio itinerante, denominada **Rádio RM 2002**. A programação era produzida pelos alunos e tinha o objetivo de divulgar e orientar as atividades de campo que desenvolviam em excursões de estudo no interior de São Paulo e Minas Gerais.

Na capital do Paraná ocorreram quatro experiências radiofônicas:

a) **Rádio Interna Vila Verde**: na Escola Municipal Vila Verde, da Rede de Ensino Fundamental de Curitiba (hoje América Sabóia), em 1989, visando à interação dos alunos, pais e comunidade. Os programas eram produzidos pelos alunos de terceiras e quartas séries e veiculados semanalmente. Além da questão educativa e cultural, a Rádio era uma prestadora de serviços à comunidade. Ficou no ar apenas um ano.

b) **Rádio Recreio**: programa semanal, produzido e veiculado pela Rádio Educativa do Paraná, com a participação de estudantes do Ensino Médio filiados à UPE (União Paranaense dos Estudantes), divulgava informações estudiantis e agendas culturais.

c) **Radioescola**: projeto de minha autoria, foi implantado, em dezembro de 1994, pela Secretaria de Educação da Prefeitura de Curitiba, em três escolas de ensino fundamental denominadas Centro de Educação Integral (CEI).

No CEI Bela Vista do Paraíso foi instalado o estúdio (estação geradora), e as transreceptoras, nos CEIs David Carneiro e Júlio Moreira. Recentemente, mais dois CEIs receberam transreceptoras: Colombo e Expedicionário.

Há seis anos, os educandos do CEI Bela Vista do Paraíso vêm produzindo, ininterruptamente, com orientação de professores, a programação da radioescola, retransmitida interativamente para as transreceptoras por linhas LSP (linhas de som permanente). Dessa forma, os alunos comunicam-se dialogicamente com outras escolas (ASSUMPCÃO, 1999).

d) **Radioaluno**: (sob minha coordenação e produção). O programa foi transmitido pela Rádio Educativa do Paraná (Curitiba), por 80 emissoras comerciais paranaenses e por emissoras de Santa Catarina (fronteira com o Paraná), nos anos 1995/96.

Nos 24 meses em que a Radioaluno esteve no ar, foram produzidos e veiculados 40 programas semanais sobre diversos assuntos: Homossexualismo, Pena de Morte, Drogas, Escola Pública versus Escola Privada, Economia Brasileira, Tabagismo, Namoro, Jovem e Religião, Alcoolismo na Adolescência, Assédio Sexual,

Televisão e sua Influência, Brigas de Torcidas Organizadas, Aborto, Mercado de Trabalho, Educação Sexual, O jovem brasileiro sabe votar?, AIDS, Prostituição de Menores, Família, Agressividade, Maternidade na Adolescência e outros, discutidos e escolhidos pelos alunos.

A opinião do aluno quanto à escolha do tema sempre foi respeitada pela equipe de produção.

A interatividade acontecia entre alunos e professores, quando da participação no programa. Eles contavam com o apoio dos professores para a realização da pesquisa e preparação dos temas, para debatê-los com os especialistas, junto à Rádio Educativa.

Atualmente, muitas dessas experiências deixaram de existir, por descontinuidade administrativa, exceto a Radioescola, que continua prestando relevantes contribuições aos Centros de Educação Integral de Curitiba.

É indispensável que a escola repense o trabalho com a rádio, por ser um veículo de fácil acesso e utilizado pela grande maioria das pessoas.

A rádio, na escola, leva o aluno a desenvolver a reflexão sobre a linguagem e a programação radiofônica, principalmente se ele é emissor e receptor. Analisando todo o processo da produção, o educando poderá compreender também a linguagem e o processo de bens simbólicos.

Em virtude de a produção envolver sempre mais conhecimento do que a mera percepção, parece provável que, uma vez que as crianças tenham tido experiência como produtoras, elas serão consumidoras mais exigentes (GREENFIELD, 1988, p.144).

Para que a rádio desempenhe papel educativo, é preciso que educador e educando conheçam e dominem a linguagem e a produção radiofônica, o que os levará a compreender a função desse meio e sua atuação na sociedade contemporânea.

ABSTRACT

The article approaches to the relevance the Communication and the Education in the global society. The school of the modernity cannot disrespect or ignore the omnipresence of the media in the the student's routine. They introduce to the student as school without walls because they are attractive, pleasant, involving, seductive and unconditional, because nothing demands from its user. They seek, just, to seduce him by its specific languages. For this reason, the school needs, urgently, to rethink its educational role front to the technologies of the communication. The author still highlights, experiences with radio in the educational institutions of Paraná, Rio de Janeiro and São Paulo, showing as the school can use to radio in her pedagogic practice.

KEY-WORDS: communication-education, radio, school, media, technologies, globalization, experiences

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUMPÇÃO, Zeneida Alves de. *Radioescola: (uma proposta para o ensino de primeiro grau)*. São Paulo: Annablume, 1999.

BARBERO, Jesus Martin. Desafios culturais da Comunicação à Educação. *Rev. Comunicação & Educação*. São Paulo; Segmento, n. 18, 2000.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platos – capitalismo e Esquifrenia*. trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: 34. ed. 1997, v. 2.

GREENFIELD, Patrícia M. *O desenvolvimento do raciocínio na era eletrônica: os efeitos da TV, computadores e videogames*. São Paulo: Summus, 1988.

GUTIERREZ, Franciscos Pèrez. *Linguagem total: uma Pedagogia dos Meios de comunicação*. trad. Wladimir Soares. São Paulo.: Summus, 1978

LAGO, Samuel Ramos (ed). *PCNs da teoria à prática*. Campina Grande do Sul: Edição Lago. Cultrix. 1971.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como Extensão do homem*. São Paulo: Cultrix, 1971

MORAN, José Manuel. *Leituras dos meios de comunicação*. São Paulo: Pancast, 1993

NIDELCOFF, Maria Teresa. *A Escola e a compreensão da Realidade*. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: As formas do discurso*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996.

SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das Mídias*. São Paulo: Experimento, 1996.

Zeneida Alves de Assumpção é docente no Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR.